

A ESCOLA E OS SABERES TRADICIONAIS: A identidade cultural abaetetubense como instrumento metodológico de ensino à leitura significativa

Rosinete Ferreira Brito¹
Antonildo Sena Rodrigues²

RESUMO

Ao desenvolver o presente tema, considerou-se alguns fatores no âmbito cultural, educacional e pedagógico que contribuem para a aprendizagem da criança em sala de aula, constatando que a mesma está envolta dessas três realidades em seu cotidiano. Para isso, utiliza-se a leitura significativa como elo capaz de integrar tais realidades, pois a leitura é um ato social, mas cada indivíduo tem uma forma de compreender e de entender diferente, alguns usam a leitura com propriedade e segurança, enquanto outros não conseguem se familiarizar de maneira adequada ao processo da leitura. Quando não se consegue fazer uma boa leitura, conseqüentemente, não se alcança uma boa interpretação. Por estes motivos, a prática da leitura parte da realidade do aluno, especialmente do abaetetubense, que se insere na atmosfera da riqueza étnico cultural. Dessa forma, o objetivo do trabalho é apresentar a identidade cultural abaetetubense como instrumento da prática de leitura significativa em sala de aula. A fim de obter tal resultado, utiliza-se a metodologia qualitativa de pesquisa bibliográfica, por meio de consultas a livros, trabalhos acadêmicos, artigos científicos, dissertações e teses. Desse modo, evidencia-se que os saberes tradicionais abaetetubenses, materializados nas obras da escritora Maria de Nazaré Carvalho Lobato propiciam a prática da leitura significativa em sala de aula.

Palavras-chave: Leitura Significativa; Identidade Cultural; Saberes tradicionais.

ABSTRACT

When developing this theme, some factors in the cultural, educational and pedagogical spheres that contribute to the child's learning in the classroom were considered important, it was found that they are surrounded by these three realities in their daily lives.

¹Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia (FAM).

²Graduação em Ciências Sociais (UFPA). Especialista em Metodologia do Ensino da História (FACINTER). Mestre em Ciências da Religião (UEPA). Doutorando do Programa PPDMU (UNAMA). E-mail: senasociologia@hotmail.com

For this, meaningful reading is used as a link capable of integrating such realities, as reading is a social act, but each individual has different ways of understanding and comprehension, some use reading properly and safely, while others cannot properly familiarize themselves with the reading process. When you can't read it well, consequently, you don't get a good interpretation. For these reasons, the practice of reading starts from the reality of the student, especially the student from the city of Abaetetuba, who is inserted in the atmosphere of ethnic-cultural richness. Thus, the objective of the work is to present the cultural identity of Abaetetuba as an instrument of the practice of meaningful reading in the classroom. In order to obtain such a result, the qualitative methodology of bibliographic research is used, through consultations with books, academic papers, scientific articles, dissertations and theses. In this way, it is evident that the traditional knowledge of Abaetetubenses, materialized in the works of the writer Maria de Nazaré Carvalho Lobato provide the practice of meaningful reading in the classroom.

Keywords: Meaningful Reading. Cultural identity. Traditional knowledge.

INTRODUÇÃO

As riquezas oriundas da herança cultural de um município é um processo que ao longo da história envolveu diversos personagens, cada qual contribuindo para a formação identitária local. Assim se configura o município de Abaetetuba, riquíssimo no âmbito étnico cultural, oferecendo a sua população não somente historicidade, mas o resultado de diversas interações de raças, pensamentos e modo de vida. É nesse ambiente que se encontra o aluno, que em sua prática educacional as vezes não conseguem interagir com essas riquezas. Nesse contexto, o presente trabalho visa proporcionar ao aluno a interação de tais conhecimentos étnicos culturais na vida educacional do aluno, por meio da utilização da leitura significativa.

Cientes de todas essas riquezas socioculturais do povo de Abaetetuba, vê-se como inferência a necessidade de inserir esses saberes para dentro das salas de aula e que os alunos e professores se apropriem deles, como instrumentos metodológicos em suas práticas educacionais, especialmente de leitura. Isso é fato, já que o ser humano experimenta a dimensão social

e cultural como fatores inerentes à sua identidade, e a partir disso entende-se que a identidade constrói o ser humano à estrutura da vida social.

Por isso, os conteúdos apresentados pelo professor podem não ter significado para o aluno, uma vez que seu contexto de conhecimento é outro. É por isso que, em qualquer prática de sala de aula, o conhecimento deve vir acompanhado de significados condizentes com a realidade que deve ser apresentada para o aluno, quando isso acontece é vivenciado o conhecimento significativo, o cujo o mesmo pode levar a uma aprendizagem significativa

Portanto, levar o aluno a construir o seu próprio protagonismo educacional é a grande meta do professor em sala de aula. Muito comum no contexto educacional, as indagações constantes de como promover um aprendizado significativo por parte dos alunos, têm tomado atenção de professores, coordenações e pesquisadores. Diante esta realidade e desafios, tanto em sala de aula, como no que tange ao processo de ensino da leitura, muitas ações e estratégias são criadas a fim de tornar as aulas mais prazerosas e eficientes. Neste cenário se encontra a leitura significativa, como ferramenta concreta, a qual possibilita a motivação dos alunos em aprender.

REVISÃO DA LITERATURA

A cidade de Abaetetuba sob o olhar étnico cultural

A cidade Abaetetuba, localizada no nordeste paraense, com uma população estimada em 159.080 habitantes, segundo último censo de 2020, se destaca entre os municípios do Pará e dentro do cenário amazônico como a cidade da arte (Gomes, 2013), outrora foi chamada também de terra da cachaça e Pérola do Tocantins (Loureiro, 1995). Todas essas referências à cidade não nasceram de forma imediata. Ao observar sua história, o modo de vida de seu povo e suas memórias, constata-se a

existência de diversas interseções humanas no campo étnico, da arte e da cultura.

Essas interações, apesar de serem construídas no tempo e no espaço definido, se propagaram ao longo dos anos em diversos ambientes (Dias, 1998), possibilitando o surgimento de novas populações, que tiveram influência direta dos indígenas, quilombolas, caboclas ribeirinhas e da floresta, sem-terra, assentadas, pescadores, camponesas, posseiras, migrantes, oriundas, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras populações (Correa; Haje, 2011).

Assim, Abaetetuba pode ser conhecida como a cidade das interações, uma vez que em sua existência, três elementos humanos foram responsáveis para o início de construção de sua identidade, o negro, o índio e o branco, cada qual carregado de experiências culturais, artísticas e memórias. Aqui, destaca-se a complementariedade dessas etnias, cujas interações não provocou perdas, mais um reforço identitário em cada uma delas, isso porque: A confluência de tantas e tão variadas matrizes formadoras poderia ter resultado numa sociedade multiétnica, dilacerada pela oposição de componentes diferenciados e imiscíveis. Ocorreu justamente o contrário uma vez que, apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos de sua múltipla ancestralidade, não se diferenciaram em antagônicas minorias raciais, culturais ou regionais, vinculadas a lealdades étnicas próprias e disputantes de autonomia frente à nação (Ribeiro, 1995).

De fato, o fenômeno da complementariedade, foi marcante na construção cultural, de modo específico, de Abaetetuba. Quando analisados de forma isolada, pode-se inferir que as três etnias são distintas e de fato o são, considerando os aspectos geográficos, históricos, culturais, entre outros, mas se complementam de tal forma que se torna visível a unicidade cultural dessa expressão. Desse modo, a mesma expressão pode ser uma forma pessoal de entender algumas trajetórias de grupos e experiências de vida com as quais uma cidade foi se revelando, com a ajuda de

reminiscências perpassadas nas partilhas dos eventos artísticos (entendidos aqui como usos simbólicos das práticas culturais ritualmente estabelecidos), nos testemunhos e imagens que observamos as vivências ciclicamente sentidas e coletivamente renovadas na comunidade da arte (Gomes, 2013).

Um bom exemplo disso foi a herança deixada pelos índios na construção da identidade cultural de Abaetetuba, a qual pode ser visualizada pelos nomes dos rios, igarapés, das frutas, sementes e da prática de subsistência ribeirinha como a pesca de gapuia, utensílios domésticos como o matapi, pari, o tipiti entre outros. O que mais estão presentes no cotidiano são os papa-chibé, também um dos desdobramentos semânticos daqueles que são considerados comedores de farinha, herança de nossos índios (Gomes, 2013).

Já os negros, apesar de terem uma presença discreta na região, foram fundamentais no processo produtivo, mas que além deste fato deixaram suas marcas vivas por meio dos ritmos musicais, das comidas, das danças e também na religiosidade. Assim, os usos e costumes está contido nos hábitos alimentares, na habitação, na vida comunitária e por vezes no próprio isolamento na beirada dos rios, a que muitos foram sendo forçados a viver, refazendo, na paisagem amazônica, a imagem da palafita africana (Salles, 2004).

A presença do europeu, aqui na Amazônia, se deu com o intuito de realizar uma ação exploratória, justificada pelo projeto civilizador dos brancos em relação aos outros povos. Em sua bagagem trouxeram a cruz e a espada, como elementos de controle, passando a reconfigurar a paisagem em uma organização que visava o lucro comercial e a posse dos espaços culturais, religiosos com a implantação do catolicismo, subjugando todas as coisas que estavam fora de seu eixo de moral (Gomes, 2013).

Essas ideias podem ser observadas quando se ouve as histórias contadas pelos moradores mais antigos, de que existia uma cobra grande, em que sua cabeça ficaria debaixo da catedral de Nossa Senhora da Imaculada Conceição e seu rabo embaixo do trapiche municipal. Observa-

se que nessa fala, existe um subjugamento da cultura indígena representado pela cobra, ao catolicismo representado pela catedral (Loureiro, 1995).

Assim, a cidade de Abaetetuba foi sendo construída por meio de novas ressignificações das crenças e costumes oriundos dos negros, índios e europeus. Hoje, ao observar o contexto sociocultural de Abaetetuba, constata-se a heterogeneidade de sua população, uma vez que existe uma realidade ribeirinha, sob uma forte influência negra e indígena, com alguns elementos europeus, uma realidade dos ramais e estradas que possuem maior influência negra, com ênfase aos quilombolas e uma realidade urbana, que do ponto de vista sociocultural se alimenta dessas três identidades.

Nesse sentido, é importantíssimo que a identidade cultural de Abaetetuba seja analisada por esse viés sociocultural, uma vez que:

Diversos fatores interferem na construção da identidade cultural, dentre eles: os sistemas de representação cultural e social, os processos imaginários e as relações de poder que se estabelecem entre os diversos grupos sociais. Assim, destacamos a importância desses mecanismos para compreendermos o processo de construção da identidade cultural das populações ribeirinhas da Amazônia (Vasconcelos, 2010).

No primeiro caso, segundo a autora, os sistemas de representação cultural e social estão associados a hegemonia do sistema político, que consegue direcionar a forma da identidade que se terá. O segundo ponto, os processos imaginários e as relações de poder moldam de maneira significativa a identidade cultural. Um bom exemplo deste fato foram as festas religiosas católicas dos santos, que passaram para a centralidade celebrativa de um certo período da vida do povo de Abaetetuba. Cada ponto analisado é pertinente para que haja a compreensão de como a identidade cultural vai se formando no decorrer do tempo.

Em Abaetetuba, existe uma fluidez, no sentido de deslocamento, de cultura oriunda das três raças muito presente nas ilhas de Abaetetuba, uma vez que a cultura do mundo ribeirinho se espalha pelo mundo urbano, assim as narrativas vão se espalhando culturalmente (Loureiro, 2001). Nesse sentido, Abaetetuba pode ser experimentada como uma grande singularidade, isso porque: Nas interpretações da Amazônia onde convivem em harmonia caráter científico, o tom impressionista e as observações sobre o cotidiano, com muita frequência transparece sob a ótica de quem contempla uma espécie de maravilhamento face ao que é, ou parece ser, desmedidamente grande, ou belo, ou forte (Loureiro, 1995).

Para um olhar de visitante, Abaetetuba de fato se apresenta com esse tom impressionista, isso porque a forma de vida do povo em seu cotidiano transparece de maneira nítida o encantamento, dando uma particularidade única, que o identifica entre outros lugares, isso acontece porque: [...] a identidade é parte fundamental do movimento pelo qual os indivíduos e os grupos compreendem os elos, mesmo que imaginários, que os mantêm unidos. Compartilhar identidade é participar, com os outros, de determinadas dinâmicas da vida social nacional, religiosa, linguística, étnica, racial, de gênero, regional, local (Moreira e Macedo, 2002).

A cultura de Abaetetuba oferece a seus moradores e visitantes uma abertura à experiência de vida, concretizada por meio de suas formas de expressões que vão desde um acolhimento nas residências, ou então por um passeio na feira, em que são apresentadas as mais variadas expressões culturais e sociais, as produções dos artesanatos de argila, de cestaria, as comidas que são encontradas e a forma única de ser ribeirinho amazônico (Gomes, 2013).

Deve-se destacar que os processos de desenvolvimento urbano tiveram forte impulso na década de 80, por meio dos grandes projetos de mineração, o que fez causar um êxodo em massa da população ribeirinha para a cidade, uma busca de melhores condições econômicas. Este fato também repercute nas práticas culturais e artísticas, já que: Voltando às

modificações estruturais nas imagens recentes da cidade, veremos que, em parte, antes de o processo de urbanização ganhar mais visibilidade, sobretudo no final da década de 1980, com a implantação do projeto Albrás-Alunorte, essas mudanças foram provocadas pela modernização econômica, menos que social e política, e codificam a forma como o crescimento dos problemas sociais, decorrentes do aumento populacional, se deu pela falta de estruturas condizentes com o desenvolvimento humano da comunidade que, em geral, produz mudanças na sociedade que influenciam as práticas culturais em cada época e lugar (Gomes, 2013).

A necessidade de uma ressignificação cultural e artística nesse período proporcionou o surgimento de uma diversidade de manifestações, ora questionadoras da ordem pública, ora resistentes aos novos modelos de práticas culturais, ou envolvidas com as novas configurações (Goems, 2013, p. 182), todas essas ações se materializam por meio do teatro, danças tradicionais e modernas, música e poesia evidenciando a memória de um povo em meio as transformações econômicas, sociais e políticas.

Saberes tradicionais e os diálogos de saberes no mundo pós-moderno

Uma pergunta relevante a se fazer diante do contexto atual, é saber de que forma os saberes tradicionais (socioculturais) existem na vida do povo de Abaetetuba e se esses saberes realizam diálogos entre outros saberes. Este questionamento é pertinente, uma vez que o mundo atual vive, o que segundo Bauman (2003) é conhecida como modernidade fluida ou líquida, que apresenta as seguintes características: Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que,

afinal, preenchem apenas por um momento. Descrições de líquidos são fotos instantâneas, que precisam ser datadas.

Deve-se atentar que o fenômeno da fluidez invadiu os setores da vida humana e sua influência é forte, causando perdas de referências, a nível social, cultural e folclórico e artístico. A modernidade, tida como absoluta, enfrenta o derretimento em todos os âmbitos, desde concepções políticas, culturais, relações interpessoais, pessoais, econômicas, ou seja, qualquer tipo de organização estruturada.

Alguns elementos emergiram durante esse derretimento como por exemplo o desejo de emancipação individual, a busca da vivência da individualidade, a própria compreensão da vivência do tempo-espço, como sendo se existisse um desejo de uma vida instantânea e imediata, também nas relações acerca do trabalho e logicamente da forma de como se constrói e mantém uma comunidade. Sobre a questão da emancipação, Bauman (2001), assim expõe: A libertação é uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de bênção, ou uma bênção temida como maldição? Tais questões assombraram os pensadores durante a maior parte da era moderna, que punha a libertação no topo da agenda da reforma política e a liberdade no alto da lista de valores quando ficou suficientemente claro que a liberdade custava a chegar.

O desejo de emancipação, da utilização da liberdade no cenário do século XX foi uma questão bastante controversa, uma vez que se tinha a liberdade como um valor inerente ao ser humano e por isso seria necessário a utilização de tal valor. Um dos pontos que devem ser analisados, quando se considera a questão do ser humano na atualidade, é a sua identidade, uma vez que imerso na modernidade líquida todas as dimensões humanas passam a sofrer influência direta do ambiente em que está inserido, uma vez que: A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de

referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2006).

O que se entende sobre este fato é que a própria identidade do ser humano é abalada, tornando-se instável e frágil diante das mudanças que a sociedade atual vivencia, também, considera-se uma redefinição do que venha a ser um ser humano, uma vez que diversas ideias sobre o ser humano são amplamente difundidas, provocando interpretações equivocadas e entendimentos limitados acerca da própria realidade. De fato, sabendo que a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (Mercer, 1990).

Segundo Hall (2006), a questão da identidade pode ser entendida sob três concepções: a concepção iluminista, sociológica e pós-moderna. Na concepção iluminista, o ser humano, por meio da razão, totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior.

METODOLOGIA

Com base na necessidade e de acordo com a natureza do próprio trabalho, a metodologia que se enquadrou de forma adequada, foi a pesquisa qualitativa e dentro da pesquisa qualitativa adotou-se a pesquisa bibliográfica, uma vez que a temática visa tomar alguns aportes teóricos. Desse modo, a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2013).

Unicamente, adotou-se essa modalidade de pesquisa em virtude de um dos pontos a serem considerados foi o acesso às fontes, a praticidade

de pesquisa e a própria configuração com a prática profissional, já que o pedagogo faz uso frequente desse tipo de pesquisa.

Essa modalidade de pesquisa deu suporte em todas as etapas, desde a escolha das obras, até a inferências sobre os textos pesquisados e ela se configura como uma pesquisa qualitativa, já que, [...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (Silva; Menezes, 2005).

Esse tipo de pesquisa é muito útil em educação, conferindo-lhe elementos de práticas social da realidade. O que se propõe nesse tipo de pesquisa são as relações existentes entre esses aspectos sociais, de maneira pontual, de um grupo social. Por se tratar de uma revisão bibliográfica, foram seguidos alguns passos para a obtenção do trabalho. Em um primeiro momento, fez-se a utilização de livros dos autores que trabalham a temática em questão. Por meio da leitura e compilação das ideias apresentadas desses autores, ganhou-se mais profundidade no entendimento da temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Leitura significativa: o elo entre herança étnico cultural dentro do ambiente pós-moderno

O que foi percorrido até agora sobre a temática, apresenta dois contextos bem reais, o primeiro sobre a riqueza étnica cultural de Abaetetuba e o segundo sobre as transformações oriundas da pós-modernidade. No entanto, é na escola que deve haver a interação entre essas duas realidades, de forma que o aluno consiga valorizar e vivenciar essa herança étnico cultural dentro do ambiente pós-moderno.

E a melhor forma de fazer isso é por meio da prática da leitura, a qual deve ser vivenciada não de qualquer forma, mas de maneira significativa, uma vez que todo domínio cognitivo pertence a um domínio de experiência,

a construção dos saberes das culturas tradicionais, como acontece nas ciências, está ligado à mesma estrutura de um mesmo sistema vivo; a espécie humana (Santos, 2008).

Desse modo, as experiências humanas de décadas fazem emergir uma realidade cognitiva que deve ser vivenciada por todos os membros de uma determinada localidade, isso porque reflete a própria identidade desse povo. Essa necessidade é tão urgente, por conta da fluidez do tempo atual, que necessita de um cuidado mais de perto, ou seja, trazer para os mais diversos âmbitos da vida social esses conhecimentos e saberes, especialmente na educação, a qual por inerência tem a função de conservar e transmitir, além de que: Num tempo social que vangloria a alta tecnologia os saberes pertencentes às culturas tradicionais, um contexto considerado primitivo pela ausência das tecnologias e das técnicas do mundo moderno, são vistos como atrasados e incapazes de resolver problemas dos dias atuais. Não se trata de uma competição entre os saberes, mas sim de um diálogo que possa trazer benefícios a todos (Santos, 2008).

Assim, ao focar nos saberes tradicionais de Abaetetuba, constata-se que apesar de ser uma cidade moderna, ela mantém um diálogo com o tradicional e esse tradicional indica sua própria identidade, considerando que a cultura dialoga com o mundo por meio de sua identidade e memória, e a memória pode ser expressa por meio dos artesanatos, do folclore, danças, músicas, poesias e também por meio das histórias orais, visto que a história oral e memória se entrelaçam de maneira dinâmica no processo histórico, isso porque por meio da história oral são obtidas narrativas orais, as quais podem ser definidas como narrativas de memória.

Diante do desafio de conservar e transmitir os saberes culturais, presentes na memória do povo de Abaetetuba, é que se recorre a leitura significativa das obras dos poetas e escritores abaetetubenses, uma vez que somente por meio da leitura é que as crianças aprendem a ler, no entanto, para que esta leitura se torne significativa é preciso que haja relações entre a teoria de mundo que estas têm armazenadas no cérebro e a relação desta

com o enunciado do texto (Andrade, 2014). Nesse mesmo sentido, Solé (1998), expõe que é o leitor que constrói o significado do texto, e este sentido irá variar de leitor para leitor [...], mas uma construção que envolve o texto e os conhecimentos prévios do leitor.

Sobre essa realidade, Freire (2008) já postulava que A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. O autor mostra que antes mesmo do contato com o livro o indivíduo já tem um contato com a leitura do mundo, com sua experiência de vida, pois cada ser tem uma maneira de interpretar e ver as coisas que o rodeiam, por isso a leitura do mundo é sempre fundamental para a importância do ato de ler, de escrever ou reescrever e transformar através de uma prática consciente.

Segundo Fonseca (2013), trabalhar com leitura significa utilizar todas as capacidades e procedimentos de leitura para favorecer o aluno. Além disso, o papel do professor torna-se fundamental, visto que o contato dos alunos com processos de leitura, na formação de hábitos de leitura, nessa perspectiva, com os estímulos adequados só será possível, à nível esperado, pela presença do professor.

A seguir serão apresentadas algumas estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula com alunos de todas os níveis de ensino, mas especialmente no ensino fundamental. Tais estratégias se configuram como ferramentas efetivas para a prática do hábito da leitura significativa.

Para a realização da leitura significativa em sala de aula, o primeiro passo será a reunião entre o docente e gestor da escola para alinhar o planejamento e acertar a melhor abordagem com a turma, levando em consideração os saberes que as crianças já possuem, neste caso as histórias e contos étnico cultural de autores do município de Abaetetuba. Em um segundo momento, partindo do resultado da análise da turma define-se um plano para atividades a serem realizadas no cotidiano da sala de aula.

Nessa perspectiva, pode ser trabalhado especificamente com aqueles alunos que apresentarem maiores dificuldades relacionado ao interesse pela leitura. Além disso, pode ser realizado um momento de leitura (pelo menos 2 vezes por semana) com os alunos de maneira que haja interação entre o professor com os mesmos, analisando o que absorveram e sempre reforçando a importância do hábito da leitura na vida de cada indivíduo. Outro passo a ser seguido é o sempre deixar os alunos em contato frequente com os livros, a fim de que eles tenham maiores interações construtivas pelo uso dos livros.

As obras da escritora Maria de Nazaré Carvalho Lobato, abagetubense, podem ser trabalhadas em sala de aula, entre as quais se destacam o livro *Fatolendas* (1990), *Ecos da terra* (1993), *Kamaig* (1993), *Nossa Arte - Nossa Vida* (2001), *Fagulhas e Fragmentos* (2004) e *Mitos* (2007). De posse dessas obras, o professor poderá direcionar a prática da leitura significativa de forma contextualizada e efetiva, ressaltando que os alunos devem estar em contato direto com os livros, manuseá-los, criar interação com eles.

Algumas estratégias adotadas para a prática da leitura significativa

Estratégia de seleção

A estratégia de seleção permite ao leitor ler apenas o que é de seu interesse, descartando o que não é relevante. Segundo Soligno (2000) o cérebro possui um processo seletivo, um filtro que destaca apenas o que nos interessa no momento. Para Solé (1998) o leitor faz a síntese da parte mais interessante do texto para os objetivos que determinam a leitura. Nesse sentido, esta estratégia é um procedimento de controle consciente, pois o leitor reconhece por sua capacidade de decodificação o caminho que a leitura perfaz.

Para Silveira (2005), a estratégia de seleção é a habilidade de selecionar apenas os índices que são relevantes à sua compreensão e propósito. Também Silva (2002) afirma que a estratégia de seleção é escolher apenas os aspectos mais relevantes apoiando-se no esquema que possui sobre o tipo de texto, de acordo com suas características e significado. Queremos ainda endossar que tanto Ferreiro como Silveira concordam com Goodman (1987) quando afirma: se os leitores utilizassem todos os índices disponíveis, o aparelho perceptivo ficaria sobrecarregado com informações desnecessárias, inúteis e irrelevantes.

Estratégia de antecipação

Pela estratégia de antecipação é possível adivinhar o que ainda está por vir, com base em conhecimentos prévios, informações implícitas ou suposições. O gênero, o autor, o título, o vocabulário e muitos outros índices nos informam sobre o que é possível encontrarmos num texto. Ao levantarmos hipóteses com os alunos sobre estes índices, estaremos tornando consciente tal estratégia (Soligo, 2000).

Essa estratégia é uma das maneiras que utilizamos como recurso na ajuda do caminho para a compreensão. Sua utilidade tem como característica a busca de ordem das coisas que são vivenciadas. É uma leitura de esquema. Ainda podemos acrescentar que permeia o conteúdo e a estrutura textual, com isso, facilita aos leitores a construção de uma lógica, de uma forma explicativa de seu entendimento da história, como também a organização de uma oração bem estruturada.

Solé (1998) acrescenta que a estratégia de antecipação ativa e aporta à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. É facilitadora da forma de obter rapidamente uma informação específica acerca do conteúdo textual. Ainda acrescentamos que dois fatores são decorrentes do uso desta estratégia; o primeiro é como o leitor faz uso dos esquemas ao buscar compreender a ordem das coisas que vivencia, e o segundo refere-se ao assunto e à estrutura recorrente do texto, pois o leitor pode utilizar a estratégia de antecipação, também chamada de predição,

em relação ao final de uma história, à lógica de uma explicação, à estrutura de uma oração composta e ao final de uma palavra (SILVA, 2002).

A forma como se lê é um diferencial para a construção de significados. Todas as informações, no ato da leitura, estarão sendo processadas com uma lógica de organização, e esta estratégia é um meio auxiliar de ordenar todo conhecimento disponível para uma significação da leitura feita do texto.

Estratégia de inferência

Permite captar as informações implícitas. É tudo aquilo que “lemos” sem estar escrito. Podem ser adivinhações baseadas em pistas dadas pelo próprio texto ou baseadas em seu conhecimento de mundo. Podemos inferir sobre o conteúdo de um texto, sobre as intenções do autor ou até mesmo sobre a significação de uma palavra.

O importante é observar o contexto e as pistas deixadas pelo autor (SOLIGO, 2000). Portanto a inferência é uma estratégia de leitura básica, pois através dela o aluno/leitor complementa a informação disponível, utilizando-se dos conhecimentos conceituais e linguísticos, bem como dos esquemas que possui.

É possível ao leitor inferir tanto a informação textual explícita quanto a implícita, ou seja, a inferência é utilizada quando se quer saber a respeito do antecedente de um pronome, sobre a relação entre caracteres, sobre as preferências do autor ou até mesmo sobre uma palavra que apareceu no texto com erro de imprensa (Silva, 2002).

Essa citação nos orienta de maneira clara como se processa a estratégia de leitura, pois os leitores, ao utilizá-la, leem o que não está escrito no texto, mediante pistas e adivinhações dados pelo próprio texto.

Para concordar, Ferreiro (1988) define igualmente, conforme a citação acima, e ainda acrescenta ao afirmar: como a seleção, as predições e as inferências são estratégias básicas de leitura, os leitores estão constantemente controlando sua própria leitura para assegurar-se de que

tenha sentido. Observamos que as estratégias utilizadas no ato da leitura fazem parte da construção do sentido que os leitores têm do texto, os leitores aprendem a ler através do autocontrole de sua própria leitura

Acrescentamos ainda, que não vivemos isolados no mundo, mas em sociedade. É importante para a compreensão textual, o contexto social, ideológico, político, religioso, etc., em que vivemos, e dentro desta vivência, trazemos para a leitura, através da inferência, o entendimento do texto. Marcuschi diz que a inferência é aquela atividade cognitiva que realizamos quando reunimos algumas informações conhecidas para chegarmos a outras informações novas.

Esta estratégia no trabalho de compreensão, proveniente de informações textuais que o (autor ou falante, nos dá no seu discurso) e não-textuais (nós, leitores, colocamos no texto, fazem parte de nossos conhecimentos, da situação em que o texto é produzido) é que também estabelece a construção de sentidos, pois inferimos conteúdos que são cognitivos e linguísticos.

Estratégias de verificação

As estratégias de verificação tornam possível o monitoramento das demais estratégias, permitindo confirmar, ou não, as especulações realizadas. O leitor maduro utiliza todas as estratégias de leitura, mais ou menos simultaneamente, sem ter consciência disso.

Ao processar o texto, o leitor recupera a intenção do autor, apoiado nos elementos extralinguísticos (conhecimento prévio, objetivos e formulação de hipóteses e nos elementos linguísticos, micro e macroestrutura) (Soligno, 2000).

Esta estratégia permite, por sua estrutura, condicionar o leitor a ter uma compreensão textual, no momento em que utiliza a estratégia de verificação no processo da leitura. Ao selecionar uma determinada estratégia, o aluno/leitor pode ou não ser bem-sucedido em sua leitura, pois nem sempre o uso de determinada estratégia é satisfatório para a obtenção

da compreensão. Nesse caso, ao perceber que a estratégia escolhida conscientemente torna-se um atrapalho, cabe ao aluno/leitor recorrer a outras estratégias, mais adequadas para a realização de seus propósitos de leitura do texto (Silva, 2002).

Esta estratégia é chamada por Ferreiro (1988) de autocorreção e serve para uma reconsideração das informações que foram assimiladas ou conseguiram mais informações, por ocasião de não poder confirmar a suas expectativas. Dá idéia de alternativa e escolhas para voltar a partes anteriores do texto. A autocorreção (verificação) é também uma forma de aprendizagem, já que é uma resposta a um ponto de desequilíbrio no processo de leitura.

Entendemos que a verificação é uma forma de agrupar todas as demais estratégias de leitura, e sua utilização é caracterizada pelo uso de estratégias cognitivas (inconsciente) e as metacognitivas (consciente), pois o leitor consegue ter controle. As estratégias de leitura são classificadas em cognitivas e metacognitivas.

A metacognitiva seria aquelas operações (não regras) realizadas com algum objetivo em mente, sobre as quais temos controle consciente no sentido de sermos capazes de dizer e explicar a nossa ação (Kleiman, 1997).

Esta subdivisão das estratégias nos ensina a visão de Kleiman que a metacognição é uma operação de correção. Assim, quando surge durante o trabalho de leitura algo que o leitor não consegue entender ou assimilar, então este efetua algum procedimento para que objetivamente controle o seu entendimento.

Com isso, Solé (1998) confirma que muitas das estratégias são passíveis de trocas, e outras estarão presentes antes, durante e depois da leitura, portanto as estratégias de leituras devem estar presentes ao longo de toda a atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver o presente trabalho, buscou-se apresentar a leitura significativa como estratégia de aprendizagem de leitura em sala de aula, juntamente com a possibilidade da utilização das obras culturais da escritora Maria de Nazaré Carvalho Lobato, buscando oferecer uma melhoria na prática da leitura nas escolas.

A leitura significativa de textos regionais pode, por sua capacidade de oportunizar, a aplicação de conhecimentos em situação real, concreta e interativa, na sala de aula, é compatível com as práticas educacionais, uma vez que ela favorece, ao educando, o desenvolvimento de múltiplas habilidades, como: desembaraço e fluência na comunicação e desenvoltura.

O exercício da leitura significativa com a utilização de textos regionais como estratégia de ensino de leitura em sala de aula é viável pela sua flexibilidade e adaptabilidade a diferentes situações e contextos de ensino. Com um bom planejamento a leitura significativa, poderá ser inserida no Plano de Aula, como estratégia metodológica de ensino de leitura em sala de aula, sem prejuízos para a grade de conteúdo.

A prática da leitura significativa em sala de aula desenvolve no educando o hábito e o prazer pela leitura, formando leitores competentes e cidadãos participativos. Um leitor competente torna-se também um cidadão de visão crítica, participativo, cômico de seus deveres e direitos. Portanto, fica a proposta, que necessita ser aprofundada, na exposição da importância da leitura significativa na estratégia de ensino no processo de aquisição da Leitura. As obras consultas, escritas por autores e pesquisadores consagrados, as visitas nos blogs e sites de opinião voltados para a educação, reforçaram a convicção de que os educadores devem repensar suas metodologias didáticas e buscar reelaborar estratégias novas de ensino, visando atrair, encantar e revigorar a disposição do aluno para o ato de ler.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Núbia Paulo da Costa. Dissertação de mestrado: **A leitura significativa como estratégia para a compreensão e resolução de problemas matemáticos no ensino médio**. Disponível em: <https://univates.br/bdu/bitstream.PDF>. Acesso em: 10 de out. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução José Gradel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

COELHO, Luana. PISONI, Silene. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. Disponível em: https://facos.edu.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf. Acesso em: 20 de out. 2024.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais**. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/1336/1326/3802>. Acesso em: 19 de set. 2024.

DIAS, Manuel Nunes. **Colonização da Amazônia (1755-1778)**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/126117/122921/240144>. Acesso em: 20 de set. 2024.

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar**. História da Educação/ASPHE, Pelotas: Ed. da UFPel, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina. **Uso e abuso da história oral**. 8ª ed. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2006.

FERREIRO, Emília. PALACIO, M.G. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas** Trad. de Maria Luiza Silveira. Porto Alegre, 1988.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler**. São Paulo: Blucher, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GOMES, Jones. **Cidade da Arte: uma poética da resistência nas Margens de Abaetetuba**. Tese (Doutorado). PPGCS. IFCH/UFPA. Belém, 2013.

GOODMAN, K. S. **Lendo um jogo de adivinhação psicolinguística**, In: GUNDERSON, D. (org.) *Linguagem e leitura*. Washington: Centro de Linguística Aplicada, 1970.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. São Paulo: Pontes, 1997.

LINHARES, Allan de Andrade. Dissertação de Mestrado: **Concepções e práticas de leitura na EJA: uma experiência com professores de 4º ciclo**. Universidade federal do Piauí. Departamento de Letras, 2012. Disponível em: www.seduc.pi.gov.br/.../233992309.alan-revisao_final_-_dissertacao-final_pdf.pdf. Acesso em: 21 de ago. 2024.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Culturas: uma poética do imaginário**. São Paulo. 2001.

PAGES, J. **O lugar da memória no ensino de história. Memória histórica e educação**. Ensino de ciências sociais, geografia e história. Grao, 2007. PENTEADO, J. R. *A técnica da comunicação humana*. 9. ed. São Paulo: Pioneira, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2ª ed. Companhia das letras, São Paulo, 1995.

SANTOS, Mario Alberto dos Santos. **O diálogo de saberes e as culturas tradicionais: pesando sobre o manejo das unidades de conservação de uso sustentável**. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2008/14532.pdf>. Acesso em: 28 de out. 2024.

SILVA, Elisabeth, R. (org.) **Texto & ensino**. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico.** Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/835/592>. Acesso em: 14 de out. 2024.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Coletânea Arquivos Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação.** Campinas, São Paulo, Autores Associados. 2000.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed.1998.

SOLIGO, Rosaura. In: Cadernos da TV Escola-Português. Brasília: MEC/SEED, 2000.

VASCONCELOS, Maria Eliane de Oliveira. **Identidade Cultural de Estudantes Rurais/Ribeirinhos a partir das Práticas Pedagógicas.** - Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010.